

# **(1981) Audre Lorde, “Os usos da raiva: Mulheres respondendo ao racismo”**

*(Tradução feita por mulher não-branca, lésbica e feminista radical. A tradutora preferiu não se identificar)*

Em junho de 1981, Audre Lorde fez a apresentação principal na conferência da Associação Nacional de Estudos de Mulheres, em Storrs, Connecticut. A sua apresentação aparece abaixo.

Racismo. A crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, portanto, o direito de dominação, manifesto e implícito.

As mulheres respondem ao racismo. Minha resposta ao racismo é raiva. Eu vivi boa parte da minha vida com essa raiva, ignorando-a, me alimentando dela, aprendendo a usar antes que jogasse minhas visões no lixo. Uma vez fiz isso em silêncio, com medo do peso. Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai te ensinar nada.

Mulheres respondendo ao racismo significa mulheres respondendo a raiva; raiva da exclusão, dos privilégios não questionados, das distorções raciais, do silêncio, do maltrato, esteriotipização, defensividade, má nomeação, traição, e captação.

Minha raiva é uma resposta às atitudes racistas e às ações e presunção que surgem dessas atitudes. Se você lidar com outras mulheres reflete essas atitudes, então minha raiva e seus medos são focos que podem ser usados para crescimento, da mesma forma em que eu usei aprender a lidar com a raiva para o meu crescimento. Mas para controle de danos, não para culpa. Culpa e defensividade são tijolos numa parede contra a qual todas nós batemos; ela não serve a nenhum de nossos futuros.

Como eu não quero que isso se torne uma discussão teórica, eu vou dar alguns exemplos de trocas entre mulheres que ilustram esses pontos. Por falta de tempo, eu vou encurtá-las. Quero que saibam que houve muitas outras.

Por exemplo:

- eu falo sobre raiva direta e particular em uma conferência acadêmica, e uma mulher branca diz, “diga-me como você se sente, mas não fale de forma muito hostil ou eu não consigo te escutar”. Mas é a minha forma de falar que a impede de ouvir, ou a ameaça de uma mensagem que possa fazer com que a vida dela mude?

- o Programa de Estudos de Mulheres de universidade do Sul convida uma mulher Negra

para ler seguindo um fórum de uma semana sobre mulheres brancas e Negras. “O que essa semana te deu?” eu pergunto. A mulher branca mais “vocal” diz, “eu acho que me deu muito. Eu sinto que as mulheres Negras me entendem muito melhor agora; elas têm uma ideia mais clara de onde eu venho”. Como se entendêssemos a participação dela no problema do racismo.

- depois de 15 anos de movimento de mulheres que professam se dirigir aos problemas de vida e possíveis futuros de todas as mulheres, eu escuto, campus depois de campus, “como podemos dirigir problemas de racismo? Nenhuma mulher de Cor apareceu”. Ou, do outro lado dessa fala, “não temos ninguém no nosso departamento preparada para ensinar o trabalho delas”. Em outras palavras, racismo é problema das mulheres Negras, e somente nós podemos discutir isso.

- depois de ler o meu trabalho intitulado “poemas para mulheres com raiva”, uma mulher branca me pergunta: “você vai fazer alguma coisa em relação a como vamos lidar diretamente com a nossa raiva? Eu acho isso tão importante.”. Eu pergunto, “como você usa sua raiva?”. E então eu tenho que me distanciar da brancura do olhar dela, antes que ela me convide para participar de sua aniquilação. Eu não existo para sentir a raiva dela por ela.

- mulheres brancas estão começando a examinar as suas relações com mulheres Negras, ainda assim, eu costumo ouvi-las querendo lidar apenas com pequenas crianças de cor pelas ruas da infância, a adorável babá, a colega de classe ocasional da segunda série – aquelas memórias ternas do que um dia foi misterioso e intrigante ou neutro. Você evita as suposições formadas pela risada estridente do Stymi e Alfafa, a mensagem aguda do lenço da sua mãe no banco do parque porque eu tinha acabado de me sentar ali, os retratos desumanizadores e que não podem ser apagados do Amo ‘n Andy e as histórias cheias de humor que seu pai contava na hora de dormir.

- eu estava com a minha filha de dois anos no carrinho de compras pelo supermercado em Eastchester, em 1967, e uma garotinha passando no carrinho ao lado grita excitada, “Olha, Mamãe, uma empregada bebê!”. E sua mãe de silencia, mas não te corrige. Mas eu escuto que sua está cheia de terror e doença.

- uma acadêmica branca recebe o aparecimento de uma de mulheres não-Negras de Cor. “Isso me permite lidar com o racismo sem ter que lidar com a dureza das mulheres Negras”, ela diz para mim.

- num encontro cultural internacional de mulheres, uma poeta americana branca bem conhecida interrompe a leitura do trabalho de uma mulher de Cor para ler o seu próprio poema, e depois desaparece para um “evento importante”.

Se mulheres acadêmicas realmente querem um diálogo sobre racismo, será necessário que se reconheça as necessidades e os contextos de vida de outras mulheres. Quando uma mulher acadêmica diz, “Eu não posso pagar por isso”, ela quer dizer que ela está fazendo uma escolha sobre como gastar o dinheiro disponível dela. Mas quando uma mulher que sobrevive de suporte

social diz, “eu não posso pagar por isso”, ela quer dizer que ela está sobrevivendo com uma quantia de dinheiro que mal era suficiente em 1972, e ela frequentemente fica sem dinheiro suficiente para comer. Ainda assim, a Associação Nacional de Estudos de Mulheres, aqui em 1981, promove uma conferência na qual se compromete a responder ao racismo, ainda assim recusa a retirar a taxa de inscrição para mulheres pobres e de Cor que queriam estar presentes e conduzir workshops. Isso fez com que fosse impossível para diversas mulheres de Cor estarem aqui e participarem dessa conferência – por exemplo, Wilmette Brown, da Black Women for Wages for Housework. Isso era para ser mais um caso da academia discutindo a vida dentro dos circuitos fechados da academia?

Para as mulheres brancas que reconhecem essas atitudes como familiares, mas principalmente, para todas as minhas irmãs de Cor que viveram e sobreviveram a milhares desses encontros – para as minhas irmãs de Cor que gostam de mim e tremem sua raiva sob as rédeas, ou para quem as vezes questiona a expressão da nossa raiva como inútil e despreocupada (as acusações mais populares) – eu quero falar sobre raiva, minha raiva, e o que eu aprendi com as minhas viagens pelos domínios dela.

Tudo pode ser usado / exceto o que pode ser jogado fora / (você vai precisar / se lembrar disto quando for acusada de destruição’).

Toda mulher tem um arsenal bem guardado de raiva potencialmente útil contra aquelas opressões, pessoal e institucional, que fez com que aquela raiva existisse. Focadas com precisão elas podem se tornar poderosas fontes de energia servindo o progresso e mudança. E quando eu falo de mudança, eu não quero dizer a simples mudança de posições ou uma diminuição temporária das tensões, ou a habilidade de sorrir e se sentir bem. Eu estou falando da alteração básica e radical dessas presunções que sublinham as nossas vidas.

Eu já vi situações onde mulheres brancas escutam uma chamada de atenção racista, ressentindo o que foi dito, e se enchendo de fúria, e se mantém em silêncio porque elas têm medo. Aquela raiva não expressada fica dentro delas como bombas não detonadas, normalmente para ser jogada a primeira mulher de Cor que falar sobre racismo.

Mas raiva expressa e traduzida em ação a serviço da nossa visão e do nosso futuro é um ato de clarificação da libertação e empoderamento, porque é no processo doloroso desta tradução que identificamos quem são os nossos aliados com quem nós temos sérias diferenças e são nossos inimigos genuínos.

Raiva é cheia de informação e energia. Quando eu falo de mulheres de Cor, eu não falo apenas de mulheres Negras. As mulheres de Cor que não são Negras que me acusa de torná-la invisível por assumir que as lutar dela contra o racismo são idênticas às minhas tem algo para me dizer e é melhor que eu aprenda com isso, que nós duas nos desgastamos lutando com as verdades entre nós. Se eu participo, voluntariamente ou não, da opressão da minha irmã e ela me chama a

atenção por isso, responder à raiva dela com a minha apenas esvazia a substância da nossa partilha com reação. Gasta energia. E, sim, é muito difícil ficar quieta e escutar a voz de outra mulher delinear uma agonia da qual eu não partilho, ou uma da qual eu contribui.

Neste lugar, nós falamos retiradas dos lembretes mais desagradáveis de nossa posição defensiva enquanto mulheres. Isso não precisa nos cegar ao tamanho e complexidade das forças montando contra nós e tudo aquilo que é mais humano dentro do nosso ambiente. Nós não estamos aqui enquanto mulheres analisando racismo em um vácuo político e social. Nós operamos nos dentes de um sistema onde o racismo e o sexism são primários, estabelecidos e propriedades necessárias de lucro. Mulheres respondendo ao racismo é um tópico tão perigoso que quando a mídia local tenta desacreditar a conferência, ela escolhe focar no fornecimento de abrigo para lésbicas como um artefato de mudança de foco – como se o Hartford Courant não ousasse mencionar o tópico escolhido para discussão aqui, racismo, que fez com que fosse aparente que mulheres estão, de fato, tentando examinar e alterar todas as condições repressivas das nossas vidas.

A mídia cotidiana não quer mulheres, principalmente as brancas, respondendo ao racismo. Ela quer que o racismo seja aceito como imutável, dado a situação da nossa existência, como o resfriado noturno comum.

Então estamos trabalhando em um contexto de oposição e ameaça, a causa que certamente não é a raiva que está entre nós, mas sim aquele ódio virulento e gigantesco contra todas as mulheres, pessoas de Cor, lésbicas e homens gays, pessoas pobres – contra todos nós que estamos buscando examinar os detalhes de nossas vidas enquanto resistimos às opressões, seguindo em direção a colisão e ação efetiva.

Qualquer discussão entre mulheres sobre racismo deve incluir o reconhecimento e o uso da nossa raiva. Esta discussão deve ser direcionada e criativa porque é crucial. Não podemos permitir que nosso medo de raiva nos deflete ou nos seduza a nada menos que o trabalho duro de escavar honestidade; nós temos que ser bem sérias sobre o ódio deles por nós e sobre o que estamos tentando fazer aqui.

E enquanto nós examinamos a face normalmente dolorosa da raiva umas das outras, por favor, lembre-se que não é a nossa raiva que faz com que tenhamos o cuidado de trancar as nossas portas à noite ou a não vagar pelas ruas de Hartford sozinhas. É o ódio deles que nos espia naquelas ruas, a urgência de nos destruir se nós trabalharmos de verdade por mudanças em vez de satisfazer a retórica acadêmica.

Este ódio e nossa raiva são diferentes. O ódio é a fúria daqueles que não partilham de nossos objetivos, e os quais tem como objetivo a morte a destruição. Raiva é um luta de distorções entre pares, e o seu objetivo é a mudança. Mas nosso tempo tem se encurtado. Nós fomos criadas para ver qualquer diferença além do sexo como motivo para a destruição, e para mulheres Negras e mulheres

brancas enfrentarem a raiva umas das outras sem negação, imobilidade, silêncio ou culpa é, em si mesma, uma ideia geradora e herética. Isso implica em pares se conhecendo em cima de uma base em comum para examinar diferença, e em alterar aquelas distorções que a história criou ao redor da diferença. Porque são essas distorções que nos distanciam. E nós precisamos nos perguntar: quem lucra com tudo isso?

Mulheres de Cor na América cresceram dentro de uma sinfonia de raiva por serem silenciadas, não escolhidas, por saberem que quando sobrevivemos é apesar de um mundo que não valoriza a nossa falta de humanidade, e que odeia a nossa simples existência fora do seu serviço. E eu digo sinfonia no lugar de cacofonia porque nós tivemos que aprender a orquestrar aquelas fúrias para que elas não nos destruissem. Nós tivemos que aprender a nos mover entre ela e a usá-la como força e poder e ideias dentro das nossas vidas cotidianas. Aquelas de nós que não aprenderam isso, não sobreviveram. E parte da minha raiva é sempre uma queda pelas minhas irmãs que caíram.

Raiva é uma reação apropriada para atitudes racistas, como é a fúria quando as ações que surgem daquelas atitudes não mudam. Para aquelas mulheres aqui que temem mais a raiva de mulheres de Cor do que as atitudes racistas não analisadas, eu pergunto: a raiva das mulheres de Cor é mais ameaçadora do que o ódio às mulheres que impacta todos os aspectos das nossas vidas?

Não é a raiva de outras mulheres que vai nos destruir, mas a recusa a ficar calada, escutar o ritmo, aprender dentro dele, a se mover para além da forma de apresentação do conteúdo, a fazer com que aquela raiva seja uma importante força de empoderamento.

Eu não posso esconder a minha raiva para tratar gentilmente a sua culpa, ou não machucar seus sentimentos, ou não responder à raiva; porque fazê-lo insulta e banaliza todos os nossos esforços. Culpa não é uma resposta à raiva; é uma resposta à ação ou falta de ação de alguém. Se leva à mudança, então pode ser útil, já que não é mais culpa e sim começo de conhecimento. Ainda assim, muito frequentemente, culpa é apenas mais uma resposta para impotência, para defensividade destrutiva de comunicação; se torna uma ferramenta para proteger a ignorância e a continuação das coisas como são, a mais nova proteção da falta de mudança.

A maior parte das mulheres não desenvolveu ferramentas para encarar a raiva de maneira construtiva. Grupos de promoção de consciência no passado, majoritariamente branca, lidaram com como expressar a raiva, normalmente em um mundo de homens. E esses grupos eram feitos de mulheres brancas que partilhavam os termos de suas opressões. Havia pouca tentativa de articular diferenças genuínas entre mulheres, como aquelas de raça, cor, idade, classe e identidade sexual. Não havia necessidade aparente naquele tempo de examinar as contradições do “eu”, mulher como opressora. Havia trabalho em expressar raiva, mas muito pouco sobre raiva vindas de uma mulher e direcionada a outra mulher. Nenhuma ferramenta foi desenvolvida para lidar com a raiva de outras mulheres, a não ser evitar, recuar ou se esconder debaixo de um cobertor de culpa.

Eu não tenho nenhuma utilidade para a culpa, a sua ou minha. Culpa é apenas mais uma forma de evitar ação informada, de comprar tempo da necessidade de fazer escolhas limpas, fugir da tempestade que se aproxima e que pode alimentar a terra ou quebrar árvores. Se eu falo com raiva com você, pelo menos eu falei com você: eu não coloquei uma arma na sua cabeça e atirei no meio da rua; eu não olhei pro corpo ensanguentado da sua irmã e perguntei “o que ela fez para merecer isto?”, essa foi a reação de dois homens brancos a Mary Church terrel contando a história do linchamento da uma mulher Negra grávida que depois teve seu bebê tirado dela. Aquilo foi em 1921, e Alice Paul tinha acabado de recusar endossar o processo de inclusão da 19º Ementa para todas as mulheres – por recusar a inclusão de mulheres de Cor, ainda que nós tenhamos trabalhado para ajudar a criar aquela Ementa.

A raiva entre mulheres não vai nos matar se nós pudermos articulá-la com precisão, se nós escutarmos o conteúdo que é dito com pelo menos a mesma intensidade com que nos defendemos da forma como é dito. Quando nos viramos para a raiva, nos viramos para as novas ideias, dizendo que apenas aceitaremos os modelos já conhecidos, mortal e seguramente familiares. Eu tentei aprender a utilidade da minha raiva para mim, assim como as limitações.

Para as mulheres criadas para temer, muito frequentemente a raiva ameaça aniquilação. Na construção masculina de força bruta, nós fomos ensinadas que nossas vidas dependiam da boa vontade do poder patriarcal. A raiva dos outros deveria ser evitada a todo custo porque não havia nada que pudesse ser aprendido dela, a não ser dor, um julgamento de que tínhamos sido meninas más, não fizemos o que deveríamos ter feito. E aceitarmos nossa falta de poder, aí sim então qualquer raiva pode nos destruir.

Mas a força das mulheres está em reconhecer as diferenças entre nós como criativas, e a se posicionar diante das distorções que agregamos sem culpa, mas que agora são nossas para serem alteradas. As raivas das mulheres podem transformar as diferenças por meio de novas ideias e em poder. Porque a raiva entre pares faz nascer mudança, não destruição, e o desconforto e sensação de perda que normalmente causa não é fatal, mas um sinal de crescimento.

Minha resposta ao racismo é raiva. Aquela raiva que comeu espaços dentro da minha vida apenas quando permaneceu não dita, inútil a qualquer pessoa. Também me serviu em salas de aula de luz ou sem aprendizado, onde o trabalho e história de mulheres Negras eram menos que vapor. A raiva me serviu como um fogo numa zona de gelo de olhos incompreensíveis de mulheres negras que veem na minha experiência e na experiência do meu povo apenas novas razões para medo e culpa. E minha raiva não é desculpa para você não lidar com a sua cegueira, não é motivo para se retirar dos resultados de suas próprias ações.

Quando mulheres de Cor falam sobre a raiva que intercala tantos de nossos contatos com mulheres brancas, frequentemente nos é dito que estamos “criando um clima de desesperança”,

“impedindo que mulheres brancas superem a culpa” ou “ficando no caminho de comunicação e ação confiável”. Todas estas citações vêm diretamente de cartas a mim de membros desta organização dentro dos últimos dois anos. Uma mulher escreveu, “porque você é Negra e Lésbica, você parece querer falar com moral e autoridade sobre sofrimento”. Sim, eu sou Negra e Lésbica, e o que você escuta na minha voz é fúria e não sofrimento. Raiva e não autoridade moral. Há uma diferença.

Fugir da raiva de mulheres Negras com a desculpa ou o pretexto de intimidação é premiar ninguém com poder nenhum – é apenas outra forma de preservar a cegueira racial, o poder dos privilégios não mencionados, não violados, intactos. Culpa é apenas mais uma forma de objetificação. É sempre pedido que pessoas oprimidas alonguem um pouco mais, para preencher o espaço entre cegueira e humanidade. É sempre esperado de mulheres Negras que elas useem sua raiva apenas em serviço do resgate ou aprendizado de outras pessoas. Mas aquele tempo acabou. Minha raiva já significou dor para mim, mas também já significou sobrevivência, e portanto eu desisto que eu vá conseguir ter certeza de que alguma coisa seja tão poderosa quanto para substituir o caminho da claridade.

Que mulher aqui está tão enamorada de sua opressão que ela não consegue se controlar para não pisar com o salto na cara de outra mulher? Que termos da opressão das mulheres se tornaram tão preciosos e necessários para ela como um bilhete na pasta de certeza moral, longe dos ventos frios da auto-avaliação?

Eu sou uma mulher lésbica de Cor, cujas crianças comem regularmente porque eu trabalho em uma universidade. Se as barrigas cheias das minhas crianças faz com que eu falhe em reconhecer a minha semelhança com as mulheres de Cor cujas crianças não comem porque ela não encontra emprego, ou com as mulheres que não têm filhos porque o seu útero está apodrecido dos abortos clandestinos e esterilizações; se eu falho em reconhecer a lésbica que escolhe não ter filhos, a mulher que permanece no armário porque a comunidade homofóbica onde ela vive é seu único suporte de vida, a mulher que escolhe o silêncio no lugar de mais uma morte, a mulher que morre de medo que a minha raiva acione a explosão dela; se eu falho em reconhecê-las enquanto outras faces de mim, então eu estou não apenas contribuindo com a opressão delas, mas com a minha própria opressão, e a raiva que permanece entre nós deve então ser usada para esclarecimento e empoderamento mútuo, não para evasão por culpa ou futura separação. Eu não sou livre enquanto outras mulheres são prisioneiras, mesmo quando as amarras delas são diferentes das minhas. E eu não sou livre enquanto outra pessoa de Cor permanece acorrentada. Nem nenhuma de vocês é.

Eu falo aqui como uma mulher de Cor que não quer destruição, mas sobrevivência. Nenhuma mulher é responsável por alterar a psique de seu opressor, mesmo quando aquela psique está encorpada em outra mulher. Eu cuidei dos lábios de raiva dos lobos e eu os usei para

iluminação, risada, proteção, fogo em lugares onde não havia luz, comida irmãs ou dinheiro. Nós não somos deusas ou matriarcas ou edifícios de perdão divino; nós não somos dedos caracterizados de julgamento ou flagelação; nós somos mulheres sempre forçadas a recuar do nosso poder de mulher. Nós aprendemos a lidar com a raiva como aprendemos a usar a carne morte dos animais, e machucadas, com marcas, batidas e mudadas, nós sobrevivemos e crescemos e, nas palavras de Angela Wilson, nós estamos mudando. Com ou sem mulheres sem cor. Nós usamos sejam quais forem as forças pelas quais lutamos, incluindo a raiva, para ajudar a definir e criar um mundo onde todas as nossas irmãs possam crescer, onde nossas crianças possam amar, e onde o poder de tocar e encontrar as diferenças de outras mulheres e suas maravilhas vai eventualmente transcender a necessidade de destruição.

Pois não é a raiva de mulheres Negras que está escorrendo sobre este mundo como um líquido doente. Não é a minha raiva que lança foguetes, gasta mais de sessenta mil dólares por segundo em mísseis e outros agentes de guerra e morte, mata crianças nas cidades, estoca gás de nervos e bombas químicas, sodomiza nossas filhas e nossa terra. Não é a raiva de mulheres Negras que corrói em poder cego e desumanizador, curvado sobre a aniquilação de todas nós, se não o encontramos com o que temos, o nosso poder de examinar e redefinir os termos sob os quais vamos viver e trabalhar; nosso poder de prever e de reconstruir, a raiva pela raiva dolorosa, pedra sobre pedra pesada, um futuro de polinização da diferença e a terra para apoiar as nossas escolhas.

Nós acolhemos todas as mulheres que podem nos encontrar, frente a frente, para além da objetificação e para além da culpa.

\*\*\*

*Fonte: Audre Lorde, Sister Outsider: Essays & Speeches by Audre Lorde (Berkeley: Crossing Press, 2007), 124-133. Desde 1961*

\* Ver mais em: <http://www.blackpast.org/1981-audre-lorde-uses-anger-women-responding-racism#sthash.XEaCdFT1.dpuf>